

ARTE E CULTURA PERIFÉRICA: SAÚDE E ESPIRITUALIDADE EM APRENDIZAGENS COMUNITÁRIAS

ART AND CULTURE IN THE OUTSKIRTS: HEALTH AND SPIRITUALITY IN COMMUNITY LEARNING

Michel Yakini-Iman¹

RESUMO

Esse relato de experiência foi escrito a partir de uma autoetnografia, e faz parte de um mestrado concluído, em 2023, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar, campus de Sorocaba. Descreve e analisa, no contexto recente, a ampliação do enfoque e das ações dos movimentos culturais das periferias de São Paulo em torno de temas como saúde, espiritualidade, autocuidado e bem viver. Este processo acontece em uma dinâmica diferente das gerações anteriores, que tiveram como fonte de aprendizagem os terreiros de matriz africana no uso tradicional de ervas, benzimentos, banhos e rezas, compondo parte do nosso repertório histórico, que iniciaram movimentos imprescindíveis de luta pela saúde, dentre outros direitos sociais, nas décadas de 1970/80 ou da geração que cresceu entre os anos de 1990 e 2000 sob forte influência do Rap e do movimento Hip Hop, denunciando as mazelas sociais, o racismo antinegro e anunciando seu caráter artístico, ativista e educador, que antecipou e ofereceu bases para o surgimento das coletividades artísticas/culturais contemporâneas.

Palavras-chaves: Periferia; Cultura; Saúde; Espiritualidade; Bem Viver.

ABSTRACT

This experience report, based on an autoethnography, is part of a master's degree completed in 2023 in the Postgraduate Program in Education at UFSCar. It describes and analyzes the recent expansion of focus and activities of cultural movements in the outskirts of São Paulo, centered on themes such as health, spirituality, self-care, and well-being. This process unfolds differently compared to previous generations, who learned from African-based religious practices involving the traditional use of herbs, blessings, baths, and prayers. These practices constitute a significant part of our historical repertoire, initiating crucial movements for health and other social rights in the 1970s and 1980s. Additionally, it examines the generation influenced by Rap and the Hip Hop movement between the 1990s and 2000s, which addressed social issues and anti-black racism while showcasing its artistic, activist, and educational dimensions. This generation laid the groundwork for the emergence of contemporary artistic and cultural collectives.

Keywords: Outskirts; Culture; Health; Spirituality; Well-Being.

¹ Mestre e Doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Pedagogo pelo Centro Universitário São Camilo – Uniceu. Escritor. Produtor Cultural. Educador artístico. e-mail: michelyakini@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência é baseado em minha autobiografia, como pessoa negra, escritor, pesquisador e produtor cultural, relacionando esse histórico com minha atuação no movimento cultural das periferias de São Paulo, a partir dos anos 2000. O objetivo é refletir como, nos anos recentes, a cena cultural periférica vem incorporando narrativas e ações sobre saúde, espiritualidade, autocuidado e o bem viver. Em uma dinâmica diferente das gerações anteriores, que cultivavam práticas sagradas de benzimento, cultivo de ervas e dedicação as religiões de matriz africana, e depois iniciaram movimentos imprescindíveis de luta pela saúde, dentre outros, nas décadas de 1970/80 (Sader, 1988), ou da geração que cresceu entre os anos de 1980, 1990 sob forte influência do Rap e do movimento Hip Hop, que teve a denúncia das mazelas sociais e do racismo antinegro como foco, além do anúncio de seu caráter artístico, ativista e educador (Sposito, 1993; Plácido, 2019; Botelho, 2022), antecipando e oferecendo bases para o surgimento das coletividades artísticas/culturais contemporâneas.

São dinâmicas que estabelecem processos de ensino-aprendizagem em contextos comunitários, porque ensinar inexiste sem aprender e vice-versa (Freire, 1996). Assim, os movimentos sociais/culturais passaram a reeducar o pensamento educacional e revitalizar a teoria pedagógica, atuando e refletindo sobre a condição humana em coletivos que se articulam para superar suas carências existenciais mais básicas (Arroyo, 2012). Assim parto do diálogo entre a minha subjetividade e as questões coletivas, tais como: território; relações étnico-raciais; ativismo cultural; saúde; espiritualidade; e bem viver.

Essa autonarrativa teve boa parte de aprendizagem e escrita feita ao longo da pandemia de covid-19, em um estado de luto permanente de amigos, parentes e conhecidos. Em um velório dos mais longos já vividos pela humanidade, sem direito à visita de despedida, reconhecimento de corpo ou preces antes de cada enterro. Escrever também foi uma forma

terapêutica de me sentir vivo, de dar valor à memória e a todos os momentos que já passei, mesmo encarando muitas adversidades pelo caminho.

Portanto, assumi a autoetnografia como método para estabelecer um contraste com o tempo presente, fazendo com que eu, sujeito da experiência, pudesse também experimentar uma forma de distanciamento com as práticas vividas, ou seja, como interlocutor nesse processo de análise, onde a experiência se torna também um elemento de pesquisa (Santos 2017).

1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Esse relato de experiência foi construído a partir de uma autoetnografia, mas também por meio de pesquisas documentais, entrevistas e conversas informais, para realizar uma reflexão sobre a periferia de São Paulo, em meio às violências e desigualdades sociais, e mais recentemente, evidenciar a presença de temas como saúde, autocuidado e bem viver no movimento cultural das periferias e como isso se desenvolvia antes, no contexto histórico desses territórios. A autoetnografia é uma forma de autonarrativa, onde o (a) pesquisador(a) escreve sobre si mesmo em um determinado contexto social. Trata-se de um método que aproxima a pesquisa com as emoções e com a própria cultura do pesquisador(a) (Bossle; Neto, 2009).

São vivências, que legitimam a educação em diferentes contextos, valorizando saberes tradicionais, comunitários, ativistas e os processos de subjetivação como formas de aprendizagem. São premissas que confirmam a educação como um processo sócio-histórico que acontece em diferentes contextos (Schörmadie, 2014), e que acontece de forma pluralista e dialógica, em reconhecimento às diversidades e no comprometimento com o outro para atuar contra as violências e as injustiças (Rufino, 2019).

A discussão sobre saúde proposta neste trabalho, se baseou no conceito de saúde coletiva alinhada a emancipação de grupos oprimidos pelas desigualdades sociais, econômicas e políticas, que difere das definições hegemônicas de “saúde como ausência de doença” ou de saúde implicada em “função social” (Almeida-Filho, 2011).

Em relação ao autocuidado, esse trabalho foi desenvolvido a partir das premissas de mulheres negras estadunidenses como Audre Lorde (1988), Angela Davis (2017) e bell hooks

(2020) que defendem o autocuidado da mulher negra como um ato político e coletivo, de autopreservação e resistência às estruturas hegemônicas.

Como um homem negro, que se propõe a refletir a própria biografia espelhada com as questões coletivas e comunitárias, compreendo que as produções dessas mulheres negras são fontes de estudos e estratégias válidas para construção de conhecimento e práticas restauradoras da saúde emocional, física, mental e espiritual.

Premissas como, a pedagogia das encruzilhadas (Rufino, 2019) e o bem viver (Acosta, 2016), foram os conceitos utilizados que permitiram uma melhor descrição e análise da coletiva e artistas aqui mobilizados.

2. ARTE, SAÚDE E ESPIRITUALIDADE NA PERIFERIA

Sou um homem negro, nascido em 1981, no bairro de Pirituba, zona Noroeste de São Paulo. Atuo como escritor no movimento de literatura das periferias, desde 2006. Sou filho de Maria Elisa, mulher negra, nascida em 1956, diarista, merendeira escolar e ajudante de confecção aposentada, e de Milton Ciríaco — o Miltão —, homem negro, ex-cobrador de ônibus e bombeiro civil, nascido em 1959. A família do meu pai chegou em São Paulo vindo de Minas Gerais e do interior do estado de São Paulo, e a parte da minha mãe da região Nordeste, do sertão entre Paraíba e Pernambuco, no início dos anos 1950.

Nessa época as periferias urbanas ainda eram predominantemente rurais. Em Pirituba, local onde minha família veio morar em São Paulo, e meu território de origem, não era diferente. Por isso, a geração da minha mãe e do meu pai aprendeu com os mais velhos, a geração dos meus avós, também por meio das tradições de matriz africana, nos terreiros, e com uma cultura em torno das benzedeiras/os, sobre o auxílio das ervas, plantas, rezas e simpatias e suas funções para auxiliar no equilíbrio saudável das populações periféricas. Essas práticas, reconhecidas como “arte de curar” ou “arte de cuidar” não gozam de prestígio na medicina oficial, tampouco são reconhecidas como medicina alternativa entre os médicos (Oliveira, 2003).

Na maioria dos casos, as benzedeiras são “mulheres **que** se tornam capazes de lidar com as necessidades humanas, referentes à saúde do corpo e da alma” (Oliveira, 2018, p.08, grifo

meu). Entre essas, muitas são mulheres negras de grande sabedoria e respeito que vivem em comunidades periféricas do Brasil, cuidando e protegendo as pessoas dos seus respectivos territórios (Faustino; Capulanas, 2014).

Elda Rizzo de Oliveira (1985) afirma que a bênção, bendição, bendicção, bendizer, benzer, benzimento ou benzeção é um “processo em-se-fazendo no aqui e no agora” e por isso envolve muitas complexidades, maneiras de se fazer e interpretações possíveis. Os outros sentidos para bênção destacada pela autora (1985) são: ii) “tornar próspero; coroar com bom resultado” alguém ou alguma coisa; iii) fazer benzeduras; iv) admirar-se, espantar-se; v) passar bons fluídos; vi) produzir benzimentos (Oliveira, 1985, p. 09-10).

Quando criança, era comum caminhar pelo bairro e ver placas na casa de algumas famílias indicando que ali “benze-se crianças”, ou mesmo quando não havia placas as pessoas conheciam as benzedadeiras e as procuravam por proximidade ou indicação. Normalmente os benzimentos eram gratuitos, pois “o ofício da benzeção constitui um sistema próprio da cura, relativamente autônomo”. É um ofício artesanal dentro de um modo de produção capitalista. (Oliveira, 1985, p.69).

Segundo relatos da minha mãe, o meu avô, Seu Montanha, era um benzedeiro (ou benzedor) e atendia diversas crianças para auxiliar no tratamento delas, para “tirar quebranto”, que é quando a criança está desanimada, com vitalidade baixa e sem ânimo. Meu avô organizava um terreiro da Umbanda, assim como meu pai fez depois dele. Seu terreiro era em alguns cômodos da sua casa, onde vivi por mais de 30 anos, depois que ele se mudou e onde atualmente é a morada da minha mãe.

As primeiras memórias que tenho da casa do meu avô eram desses cômodos sagrados, onde hoje fica a cozinha e a sala da minha mãe. Naquela época havia diversas imagens colocadas em altares na parede. Também era recorrente a presença de pessoas vestidas de branco nesta casa, por conta de algum trabalho que estava sendo realizado. Minha mãe conta que esse terreiro também contava com a ajuda do meu pai, antes de ele abrir um barracão no quintal com a Dona Terezinha, sacerdote umbandista que morava na região, para seguir com as práticas quando meu avô parou devido às complicações de saúde.

Minha presença no terreiro era frequente. A família não me cobrava essa presença, mas eu sempre me organizava para participar em algum momento e principalmente tomar um passe energético dos guias da casa. Eu também era responsável por comprar os charutos do Sr. Exu Marabô, entidade que atendia pessoas do bairro através do meu pai durante a semana. Os guias, como era o caso do Sr. Marabô, eram os responsáveis pelos atendimentos e os passes, e se faziam presentes a partir de ritual parecido com a descrição feita por Negrão:

[...] quando são invocados pelos seus “pontos cantados” ao som dos atabaques ou de palmas ritmadas, dão “passes” (espécie de benzimento em que as más influências espirituais são afastadas) e “consultas” (ouvem e aconselham), além de indicar “trabalhos” (procedimentos mágicos) e banhos purificadores com ervas (Negrão, 1996, p.82).

Eu observava o terreiro como um espaço em que as pessoas chegavam para serem acolhidas, se consultarem e se cuidarem, buscando auxílio para resolver demandas relativas à saúde (física e mental), profissão, finanças, moradia, afetividade, vida familiar, questões de ordem espiritual ou agradecer alguma realização pessoal.

Havia os que frequentavam a maioria dos encontros e realizavam os atendimentos (médiums, passistas e cambones) ou tocavam os instrumentos (ogãs); os chamados filhos da casa ou filhos de santo; e outros que compareciam em casos pontuais para se consultar (consultentes ou assistência).

Como já foi observado por alguns autores (Gomes 2021, Silva; Scorsolini-Comin, 2020), de maneira geral, nos terreiros são tratadas questões que remetem à existência, da busca por uma melhor qualidade de vida e do “Bem Viver”, promovendo um atendimento holístico, integral e integrador. Por isso, temas como saúde, autoconhecimento e autocuidado, aparecem de forma recorrente nos terreiros de umbanda, há muito tempo.

Eu gostava de ouvir os toques de atabaque e as cantigas que embalavam os ritmos do terreiro. Hoje tenho certeza de que minhas primeiras aulas de poesia foram a partir desses cantos e batuques. Além dos encontros que aconteciam no barracão montado no quintal da nossa casa, eu também acompanhava meu pai na visita por outros terreiros do bairro, como era às sextas-

feiras nas giras que aconteciam na casa do Sr. Jorge, o funileiro, e aos domingos, na casa da Sra. Dulce, que morava na rua de cima.

A segunda esposa do meu avô, a Dona Zefa, sabia tratar o chamado “bicho virado” de crianças, causador de má disposição no intestino, vômito e falta de apetite. Ela fazia a medição das pernas e da planta dos pés da criança para confirmar se uma perna estava maior que a outra, depois fazia o benzimento no local com uma sucessão de movimentos em cruz e proferindo algumas rezas, e por fim confirmava se o tamanho das pernas voltava ao normal. Eu a vi fazendo essa prática muitas vezes.

Com ela memorizei as propriedades de algumas ervas, como o boldo “que é bom pra tratar dores no fígado e estômago”; o hortelã “que é bom pra a respiração”; a camomila “que é um ótimo calmante”; a babosa “pra cicatrizar feridas”; a cavalinha “pra tratar infecção urinária”; a quebra-pedra “pra tratar pedra nos rins”, assim como o mastruz, que era oferecido com leite pelo meu pai para curar sintomas de gripe, entre outras.

Dona Josefa me explicou que alguns remédios que compramos aos montes na farmácia, na verdade levam o nome das plantas que têm a mesma função curativa como é o caso da novalgina e da dipirona, usadas para tratar dores de cabeça e febre, e a insulina, utilizada no tratamento da diabetes. Todas essas ervas são ingeridas em forma de chá.

Também aprendi com Dona Josefa alguns sentidos energéticos das plantas, sabedoria que depois reencontrei na prática de terreiro: um galho de arruda na orelha “ajuda a afastar o mal olhado”; folhas de louro além de dar bom gosto na comida, ao colocar um galho atrás da porta de casa “ajuda a atrair prosperidade”; o manjerição além de ser ótimo para cozinhar e fazer chá “pra curar gripe” é bom para fazer banhos energéticos; plantas como espada de São Jorge, comigo-ninguém-pode e samambaia são indicadas para colocar na porta de casa para filtrar as energias negativas.

Na época eu não dava muita importância para essa sabedoria, mas fui tratado muitas vezes com esse repertório e isso me fortaleceu uma memória afetiva que atualmente revisito para auxiliar no cuidado da minha saúde e da saúde das minhas filhas e parentes. Neste percurso, me considero um aprendiz, já que havia um processo de educação sobre a vida, a partir de uma

tradição do saber-fazer (Oliveira, 2018) envolvida no meu contato com Dona Josefa.

O exemplo de Dona Josefa era mais próximo do meu cotidiano, mas como já mencionei, há trinta, quarenta anos atrás as casas na periferia tinham mais espaços e as pessoas cultivavam e tinham uma maior aproximação com as plantas, as ervas, as árvores e a natureza em geral, por isso havia várias “Donas Josefas” no bairro com sabedorias semelhantes.

A partir do final do século XX, essas sabedorias foram caindo em desuso, e as gerações seguintes se afastaram dessas formas alternativas de tratamento. Assim, os remédios sintéticos da indústria passaram a ser consumidos em grande escala no contexto urbano, contribuindo para esse distanciamento entre as práticas alternativas de saúde e autocuidado feitas no passado e os hábitos da vida moderna. Para Débora Priscila de Oliveira (2018) a questão religiosa também influenciou neste processo:

Hoje podemos dizer que certos aspectos da religiosidade que se prendem às regras dogmáticas da institucionalização da fé, têm propagado um certo descrédito e muitos preconceitos ao valor dos benzimentos, das simpatias e os conhecimentos proporcionados pelos cuidados provenientes do uso que as ervas medicinais carregam (Oliveira, 2018, p.17).

275

No sentido político, a saúde passou a ser um tema relevante nas periferias paulistanas principalmente a partir dos anos 1970, quando organizações comunitárias, lideradas principalmente por mulheres em parceria com a Pastorais de Saúde e médicos sanitaristas, passaram a se reunir nas igrejas católicas, e depois em sedes próprias, para socializar, conversar e refletir sobre o cotidiano de seus lares e bairros, sobre seus direitos como cidadãs, para resolver problemas comunitários, como a falta de creches, escolas, ônibus e postos de saúde (Sader, 1998).

Naquele momento, as reivindicações surgiram a partir da percepção da ausência dos serviços públicos e da desigualdade social como uma negação de direitos, que levou esses grupos a uma luta constante para pressionar as autoridades em busca de estrutura e condições dignas. No caso específico da saúde, foi assim que esses movimentos conseguiram postos, hospitais e participação na fiscalização e na gestão desses serviços, por meio de conselhos e comissões populares, em seus territórios (Sader, 1988).

Porém, ao longo dos anos, mesmo com a conquista dos espaços públicos de saúde, muitas contradições e precariedades foram surgindo nos atendimentos de saúde pública, seja na estrutura, na relação com os profissionais e também na perspectiva médica utilizada, gerando grande descontentamento entre usuários e funcionários (Júnior, 2021).

Somado a isso, a violência e o racismo antinegro praticados nas instituições, principalmente pela polícia e pelas igrejas neopentecostais, as relações abusivas praticadas por nós homens em relação às mulheres no âmbito privado e comunitário, e o alto índice de drogadição e alcoolismo em nossos territórios, expuseram o quanto era urgente para minha geração, composta por artistas e produtores/as culturais das periferias, refletir e tematizar a saúde de maneira holística, ou seja, física, mental e espiritual, como parte do nosso repertório.

Por volta de 2012, eu já era um trabalhador da cultura. Minha trajetória se desenvolveu principalmente a partir do meu envolvimento com a cultura Hip-Hop, rádios comunitárias e os fanzines produzidos pelo movimento Punk. Mas quando a literatura, as ações com educação e a gestão de projetos culturais, somado às práticas de engajamento social, se tornaram mais frequentes, o meu corpo comunicou alguns excessos.

Meu rim esquerdo doía constantemente e depois de me entupir de remédios, sem bons resultados, um amigo me convidou pra ir à sua casa sagrada - um terreiro de Umbanda onde ele trabalhava como médium e que atuava no tratamento de saúde de diversas pessoas. Fui até o terreiro, uma casa chamada Ogum Vence Demanda, que era organizada por uma senhora conhecida como Tia Valda e por seu companheiro, chamado de Tio Raimundo.

Nesta casa fui atendido por um médico espiritual chamado Dr. José Amâncio, que atendia as pessoas por ordem de chegada, com o auxílio de uma corrente de Pretos-Velhos. Dr. José Amâncio conversou comigo, me examinou e identificou que para além das dores do rim, eu estava com meu sistema auditivo inflamado e me receitou algumas preces e um tratamento à base de chá de losna, uma planta medicinal com propriedade anti-inflamatória.

Segui as indicações do tratamento e isso fez eu me recuperar bem. Quando terminei o tratamento, resolvi voltar lá sozinho, nas noites de atendimento dos guias, nas chamadas giras. Entendi que essa dor era um efeito emocional. Depois das consultas eu ficava com uma sensação leve, mas voltava na semana seguinte com o ânimo abalado.

Essas crises me trouxeram a seguinte pergunta: Quanto tempo eu dedico para me cuidar, fisicamente, emocionalmente e espiritualmente desde que comecei a atuar com a arte?

Essa baixa emocional se acentuou em 2016, quando a presidenta Dilma Rousseff sofreu um golpe, que resultou em seu impeachment, e a maré cheia de trabalhos, oportunidades de desenvolvimento educacional e de consumo passou. As contas e a alimentação ficaram cada vez mais caras, os convites para trabalhos remunerados cada vez mais distantes.

Eu imaginava que como éramos sobreviventes dos anos sangrentos das décadas de 1980 e 1990 nas periferias de São Paulo seria tranquilo passar por outra crise, mas isso não se confirmou. A estiagem prometia ser intensa dali para a frente. Então, como era possível continuar trabalhando, estudando e escrevendo com tranquilidade se o peito teimava em ficar com uma dor constante de ansiedade?

Decidi refazer meu currículo de atendente de teleatendimento e ajudante geral, que não utilizava há quase dez anos, para uma possível saída de emergência, mesmo com a perspectiva de trabalho precário e salário miserável.

277

Era como um pesadelo rejuvenescido, que me remeteu há vinte anos, quando meu sonho era ser jogador de futebol, como quase ninguém foi, que depois me fez pensar em ingressar no crime, como muitos foram, ou ser entregador de pizza, como quase todos são, ou atingir o ápice com o kit crachá-mesa-cadeira. Repetindo a todo instante: “Bom dia senhor, com quem eu falo?”.

Durante esse período consegui um emprego em uma escola particular de ensino fundamental. Mesmo não tendo completado a graduação em pedagogia que eu estava cursando naquele momento, fui contratado na vaga de professor/educador.

Nessa experiência, por duas vezes entre uma aula e outra, eu tive que ir até a sala da psicóloga da escola, ora para responder se eu era do Partido dos Trabalhadores (PT), porque segundo a psicóloga, um estudante teria afirmado que eu era desse partido, ora para responder a mesma pergunta por conta de um óculos com armação vermelha que eu usava na época.

Ao lado dessas situações, a direção da escola me relatou o questionamento constante dos demais profissionais da escola sobre a falta do meu diploma e de um suposto favorecimento que eu tive no processo de seleção, por conta da coordenadora pedagógica ser uma mulher

negra que tinha conhecimento do meu trabalho como artista-educador. Esses absurdos deixaram-me com um sentimento de arrependimento em ter aceitado esse trabalho.

O limite do meu cansaço emocional e físico, neste trabalho, foi quando ao tentar conter uma situação de indisciplina de um estudante, acabei segurando o braço dele, sem nem perceber o que eu havia feito. Este episódio evidenciou um limite, um alerta para mudar de rota. Me senti adoecido.

A partir daí busquei um estilo de vida que pudesse associar meu trabalho e minha atuação nos movimentos culturais com estudos e hábitos mais saudáveis, pesquisando terapias e práticas que pudessem me auxiliar a manter a saúde física e mental estável. Aproximei-me de narrativas e ações que estavam refletindo sobre esses temas, pois esse era um discurso menos presente entre os coletivos culturais que eu tinha contato.

Até aquele momento, as produções de teatro da Cia Capulanas, principalmente com o espetáculo Sangoma (2013), que encenava temas relacionados à saúde da mulher negra e seus laços ancestrais; algumas dicas que o poeta Binho falava nos saraus literários; e as hortas de algumas escolas públicas e espaços comunitários que eu visitava para palestrar eram as únicas referências.

Só que diante de um histórico de assassinatos, violências, mortes precoces, depressão, pensamentos suicidas, da relação entre o consumo de alimentos ultraprocessados com o adoecimento, além da relação direta entre os índices de morbimortalidade² e as condições precárias de saúde com as desigualdades étnico-raciais e o racismo institucional (Batista; Barros, 2017) presentes no território, fizeram com que alguns grupos e artistas das periferias, passaram a pensar em saúde, autocuidado, espiritualidade e bem viver como referência para seus trabalhos.

² Consiste na relação entre a morbidade e a mortalidade, sendo que a primeira é referente ao número de indivíduos portadores de determinada doença em relação ao total da população analisada. Já a mortalidade é a estatística sobre as pessoas mortas num grupo específico, ou seja, a morbimortalidade se refere ao índice de pessoas mortas em decorrência de uma doença específica dentro de determinado grupo populacional. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos-estaduais/divulgacao-do-perfil-de-morbimortalidade-da-unidade-hospitalar-1#:~:text=O%20que%20%C3%A9%3F,de%20doen%C3%A7a%20em%20uma%20popula%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 16/01/2023.

Os conhecimentos tradicionais de sabedoria popular como a medicina das plantas, a difusão e consumo de alimentos e cosméticos naturais, a busca por estudos e práticas de autoconhecimento, as terapias holísticas e a articulação desses temas com a arte e o ativismo passaram a fazer parte do repertório de alguns artistas, produtores culturais e ativistas da periferia, a partir da primeira década do século XXI.

No meu caso, sinto que essa aproximação com o autocuidado, seja nos hábitos cotidianos, seja no meu fazer artístico, aconteceu de forma mais intensa a partir de 2015, quando passei a me orientar nas práticas de terreiro sob os cuidados da zeladora de santo³, Tia⁴ Valda, na casa de umbanda Ogum Vence Demanda, de Pirituba, onde meu amigo me levou para tratar os rins anteriormente.

Neste período passei a fazer parte da corrente de médiuns desta casa, e essa vivência me levou a uma série de estudos e práticas que me reaproximaram do contato com as ervas, e plantas medicinais, e com as cosmologias e práticas comunitárias que ampliaram meu campo de conhecimentos para além da *monocultura da ciência moderna* (Santos, 2007). Além disso, essa prática me reaproximou das tradições umbandistas que minha família praticava até a chegada massificante das igrejas neopentecostais nas periferias.

Essa busca por um equilíbrio saudável, por meio dos conhecimentos de terreiros, das hortas, dos vegetais, além do anúncio e resistência das populações negras e periféricas, são alternativas que visam restaurar a sabedoria tradicional das populações que compõem o “sul”, as marginalidades, “o lado de cá das linhas abissais”, em diálogo com saberes considerados científicos para confrontar a monocultura da ciência moderna e combater e superar os efeitos destrutivos do fascismo social (Santos, 2007) e da necropolítica (Mbembe, 2016) que estamos submetidos pelas estruturas hegemônicas.

Um exemplo de difusão desse pensamento pluralista e propositivo dos coletivos artísticos nas periferias de São Paulo é União Akasha, coletiva atualmente intitulada Akasha ateliê terapêutico, que está criando e propondo alternativas contra-hegemônicas para discutir

³ Nome dado a algumas sacerdotessas da Umbanda, também conhecidas como “mães de santo”.

⁴ Muitas sacerdotessas de terreiro eram chamadas de tias em seus terreiros. A mais conhecida no Brasil é a Tia Ciata, que ficou conhecida por ceder o espaço no fundo do seu terreiro de candomblé para a prática do samba que era proibida no Brasil no Século XIX.

saúde, autoconhecimento e bem viver nos becos e vielas das periferias, e que apresento com mais detalhes e exemplos de parcerias a seguir.

2.1. Arte para libertar as pineais: Raíssa Padial Corso e a União Akasha

O Zin Fí, mata Gaya, não,
Em cada gaio tá contido
Sua falange ancestral
Em cada seiva sangue verde
De aura pura maternal
Mãe Gaya tem raiz, fncada lá no centro
Numa bola de fogo intenso
Pó do céu do seu sustento.
o Zin Fí, mata pachamama, não
Com as mulé vó lua caminha
Pelas casas dos seus dias
Renovando a vida
Dentro da vida, dentro da vida (...)
(Corso, 2017, p.80)

280

Em 2017, durante as minhas andanças pelos saraus da Zona Sul de São Paulo, comecei a perceber uma coletividade que estava surgindo por iniciativa de pessoas que frequentavam o Sarau do Binho. Trata-se de Raíssa Padial Corso (escritor, multiartista e terapeuta integrativa), Marlon Cruz (cientista musical e produtor cultural) e Luan Luando (poeta e produtor cultural), que se juntaram para inaugurar a União Akasha - Centro de Desenvolvimento Humano, no bairro do Campo Limpo. Uma coletiva inserida nos movimentos culturais da periferia que mantém uma sede e organiza uma série de práticas que promovem autocuidado, saúde, autoconhecimento, por meio das terapias integrativas e ações artísticas.

O nome Akasha⁵ surgiu a partir de estudos teosóficos da Eubiose⁶, baseado no conceito "da unidade da diversidade e da diversidade na unidade", e a partir da relação que tiveram com Nilton Schutz, palestrante e radialista, que ministra cursos de tarô, astrologia, numerologia, cabala, radiestesia e quiromancia.

Segundo Raíssa Padial Corso⁷, a União Akasha começou a se constituir pelas ruas da Zona Sul, no início dos anos 2000, em meio aos cursos livres, vendas de artesanato, a agitação dos eventos artísticos e a declamação de poesias, onde conheceu seus parceiros: Luan Luando, a quem considera um irmão, e Marlon Luz, que é seu companheiro e pai de Shantal Sananda, filha de 6 anos, e assim inauguraram a União Akasha⁸, em 2017.

A União Akasha é uma coletiva que apresenta outras dimensões da luta por saúde, recuperando saberes ancestrais, anunciando ações mobilizadas para popularização de saberes tradicionais, como o uso das plantas medicinais, a promoção e acesso às terapias integrativas; imprimindo outras dinâmicas de construção e compartilhamento de conhecimento, propondo novas possibilidades de análise e compreensão desse tipo de coletividade nas periferias. Certa vez, Raíssa me disse que a União Akasha está orientada pelo princípio dos ciclos e da impermanência e pela devoção a Exu e que se fosse escolher uma síntese para explicar este trabalho seria: "libertar as pineais, e o restante é consequência".

⁵ Akasha: (em sânscrito) luz astral; princípio original isento de espaço e de tempo; energia e fluido cósmico universal; o não criado, base de toda a criação; substrato espiritual primordial; força dos deuses; espaço sutil onde estão armazenados todos os conhecimentos, feitos e memória da humanidade, inconsciente coletivo; contém e mantém tudo o que foi criado em equilíbrio; espaço onde se originam todos os pensamentos, ideias e matéria; mais elevado, poderoso e inimaginável dos cinco elementos, quinto elemento, quintessência, quinta ponta do pentágono, éter; incompreensível, indefinível, o que as religiões chamam de Deus (Froes; Peres, 2020).

⁶ A Sociedade Brasileira de Eubiose foi fundada por Henrique José de Souza (1883-1963), apoiado por sua esposa Helena Jefferson de Souza (1906-2000), em São Lourenço, MG, no ano de 1921. Com um trabalho muito próximo ao do budismo esotérico, se tornou a Sociedade Teosófica Brasileira, nome assumido em 1928, e que de certa forma homenageia a Sociedade Teosófica fundada por Helena Petrovna Blavatsky, que buscava desenvolver uma doutrina espiritualista na América. Fonte: <https://www.eubiose.org.br/a-sociedade/>. Acesso em 26/07/2021.

⁷ Em entrevista concedida por videoconferência em 2021.

⁸ As informações que serviram de base para apresentar a União Akasha tem como fonte vídeos e postagens que compõem a página de facebook da coletiva e também uma entrevista realizada com Raissa Padial Corso em julho de 2021 e outra via WhatsApp no segundo semestre do mesmo ano., nas muitas conversas e trocas de informações que mantivemos on line durante a pandemia de Covid-19, além de uma conversa com Luan Luando e Marlon Luz, durante o Seminário do PPGed Sorocaba, em 2021.

Interessei-me em conhecer mais sobre a União Akasha, após ter contato com o livro *Do Tamanho do Coração da Formiga*, lançado em 2017, por Raíssa Padial Corso, e percebi que sua poesia se fundamenta com elementos que evoca a espiritualidade, a natureza, a transcendência e a metafísica como princípios, unificando diversas referências em uma mesma obra.

Assim, passei a acompanhar mais de perto as ações do grupo e visitei a antiga sede da União Akasha em 2019, durante uma atividade da Feira Literária da Zona Sul. Em 2021, durante a pandemia de Covid-19, fiz parte da programação online da IV Feira Afetiva realizada pela União Akasha, desenvolvendo a oficina de “Escrita Quântica” e desde então mantemos contatos de amizade e parcerias em torno da arte e do interesse por temas em comum.

A coletiva União Akasha é formada simbólica e fisicamente com base na crença da encruzilhada, já que Raíssa, Marlon e Luan são devotos de Exu⁹, divindade africana do panteão iorubá. Por essa razão, as práticas e os fundamentos dessa coletiva refletem as *mandingas* e *campos de batalhas* da Pedagogia das Encruzilhadas de Luiz Rufino (2019), onde as bases políticas, poéticas e éticas, se direcionam para práticas descolonizadoras, dialogando e cruzando uma diversidade de pessoas e saberes subalternizados e contribuindo na transformação e transgressões dos seres humanos (Rufino, 2019).

Portanto, a União Akasha reúne Raíssa, Luan e Marlon, em torno de um sonho que se iniciou em rituais da Ayahuasca¹⁰, para unificar seus anseios de arte, a busca pelo autoconhecimento, criando alternativas fora dos padrões elitizados e de alto custo que dominam os espaços terapêuticos em São Paulo e prezando por valores ligados ao engajamento

⁹ Orixá mensageiro; dono das encruzilhadas e guardião das porteiras; o primeiro a ser homenageado nos rituais sagrados do Candomblé e da Umbanda; faz mediação entre o mundo dos orixás (Orum) e os seres humanos regendo tudo que existe e pode vir a ser (Prandi, 2001; Rufino, 2019).

¹⁰ Ayahuasca é um termo quíchua, cuja etimologia é dada por Luís Eduardo Luna como: Aya – persona, alma, espírito muerto; Wasca – cuerda, enradadera, parra, liana. A denominação, segundo este antropólogo, é uma das mais usadas para designar tanto a bebida quanto uma das plantas que a compõem: o cipó *Banisteriopsis caapi*. (Luna, 1986, pp. 73-4). Pode-se traduzir literalmente ayahuasca para o português, portanto, como “corda dos espíritos” ou “corda dos mortos” e ainda como “cipó (liana) dos espíritos ou dos mortos”. Alguns dicionários online colocam, também, que ayahuasca é um neologismo quíchua, surgido na segunda metade do século XIX. (...) O cipó e as folhas, juntos, são cozidos e fervidos, seguindo-se um processo ritual complexo. O resultado final é um chá considerado sagrado, o qual será consumido nas cerimônias (...) (Goulart, 2004).

social dos grupos/coletivos das periferias, principalmente nas questões ligadas aos conceitos de gênero, raça e classe.

Esses princípios ficam evidentes em diversas ações clínicas, culturais e sagradas que foram recorrentes na União Akasha nos últimos anos, tais como: ozonioterapia e cosméticos ozonizados, que foram realizados durante 2019/2020; Círculo Ananke Online que empodera mulheres em busca do autoconhecimento; Horta Sensorial Fibonacci; doação e distribuição de alimentos orgânicos; campanha de arrecadação de absorventes para pessoas em situação de vulnerabilidade; produções artísticas individuais e coletivas; lançamento de uma editora; Feira Afetiva, com oficinas, palestras, produtos artesanais e alternativos.

Essa maneira atuante da União Akasha invoca saberes ancestrais, para compartilhar práticas e manter-se resistente em relação às desigualdades e às poucas oportunidades de ser/estar no mundo, seja assumindo Exu, um orixá encarado de forma pejorativa pela hegemonia cristã, seja firmando base no ritual xamânico da Ayahuasca, ou trazendo a espiritualidade como princípio.

Em *live* realizada no Facebook em julho de 2021, organizada pela Casa de Cultura do Campo Limpo, sobre os espaços culturais independentes do território, Raíssa afirmou que a União Akasha também tem uma perspectiva ligada ao Bem Viver, conceito baseado nas visões ameríndias, andinas e amazônicas e que contrapõe o conceito eurocêntrico de bem-estar ou de viver melhor, firmado no consumo e na individualidade do mundo capitalista.

O Bem Viver é uma filosofia em construção, mas propõe o equilíbrio na convivência entre todos os seres vivos, na forma individual, comunitária e planetária (Acosta, 2016). Por isso, as ações da União Akasha, que se direcionam em busca de uma ética espiritualista, ecológica, de consumo consciente e de ativismo cultural se aproximam do Bem Viver, já que “relaciona a qualidade de vida e remete a questões como espiritualidade, natureza, modos de vida e consumo, política, ética” (Alcântara; Sampaio, 2017, p.233).

O Bem Viver e a Pedagogia das Encruzilhadas são alternativas conceituais em uma sociedade que agoniza diante de problemas sociais e ecológicos. Há um massacre da vida planetária em curso, e o reconhecimento da natureza como o ser mais importante que existe e nossa reunificação com a consciência pluralista da encruzilhada é um ato subversivo para

encontrar uma saída em meio às ruínas do desenvolvimento.

Portanto, coletividades como a União Akasha, que problematizam e tencionam as estruturas hegemônicas, por meio da arte, do ativismo e de ações ligadas ao autoconhecimento e a saúde natural, fazem com que o Bem Viver não fique restrito somente aos espaços de floresta e dos povos originários, e a Pedagogia das Encruzilhadas não fique apenas no campo da discussão filosófica e acadêmica, mas sejam incorporadas no contexto urbano das grandes cidades, a partir de ações que se orientem no protagonismo das periferias.

3. CONCLUSÕES

Este relato de experiência demonstra como as tradições de matriz africana, como os terreiros de Umbanda e Candomblé, a presença de benzedeiras e práticas de simpatia, rezas e o uso de ervas e plantas medicinais fazem parte de um histórico anterior para pensar o autocuidado, espiritualidade e a saúde nas comunidades periféricas. São fatos espelhados na história de Dona Maria, Dona Josefa, Miltão, Seu Montanha, Dona Terezinha e outros moradores do bairro de Pirituba, lugar-entidade que reverencio neste trabalho, e também nos trabalhos feitos pela coletiva União Akasha.

Ao iniciar este trabalho, julguei que o envolvimento emocional, presente em muitos textos sobre a autoetnografia, não seria tão forte, já que este sempre foi um recurso que utilizei para escrever ficção. Entretanto, na literatura de ficção, sempre que uma emoção compromete minha escrita eu recorro à inventividade, ou foco em contar uma boa história, sem promover, necessariamente, uma análise da narrativa e isso promove uma certa distância com o teor do texto. Na escrita autoetnográfica aconteceu diferente. Ao vasculhar a memória em busca de detalhes dos acontecimentos e, ao promover a análise contínua dos fatos, passei por processos dolorosos, reveladores e, por vezes, paralisantes. Uma montanha russa de sensações!

Em meio a um estado de *fascismo social* (Santos, 2007) e da necropolítica (Mbembe, 2016) e de uma saúde pública tecnicista, que ignora nossas subjetividades (Brilhante; Moreira, 2016) e está estruturada em práticas racistas (Batista; Barros, 2017), uma alternativa viável para estabelecer uma realidade mais saudável nas periferias foi articular as obras artísticas com

as temáticas de saúde, autocuidado, espiritualidade e bem viver, como é o caso das obras/ações da União Akasha, que revive saberes antigos e a luta social das gerações anteriores, revitalizando saberes e aprendizagens emancipatórios no contexto contemporâneo.

Essa é uma construção ética que confronta a desumanização e o estado de violência e morte presente na história dos territórios periféricos e das populações negras que são condicionados a viverem à margem da sociedade e excluídos de condições sociais dignas. Esse processo me fez reconhecer que a atuação, feita há décadas, por benzedadeiras, mães de santo, comunidades de base, movimentos políticos e comunitários, foram fundamentais na promoção da vida e na garantia, ainda que precarizada, de escolas, creches, hospitais, prontos-socorros, postos de saúde e transporte público em nossos territórios.

Portanto, me despeço dessa narrativa na certeza de que as ações da arte periférica em torno de temas como saúde, autocuidado, espiritualidade e o bem viver, não se esgotam neste relato, mas abrem caminho para outras percepções e possibilidades de anúncio e resistência das populações periféricas. Pois, tenho percebido um movimento recente de diversas pessoas que compõem o movimento cultural das periferias, na busca de práticas restauradoras e holísticas, seja frequentando os terreiros de matriz africana, seja consagrando a Ayahuasca, ou estabelecendo hábitos alimentares mais equilibrados ou até mesmo a diminuição do fumo e ingestão de bebidas alcoólicas, que sussurram mudanças dignas e outras realidades possíveis nessa roda de arte, ativismo e vida.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

ALCANTARA, Liliane Cristine Schlemer e SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. **Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível?** Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 40, p. 231-251, 2017.

ALMEIDA-FILHO, Naomar de. **O que é saúde?** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BATISTA, Luis Eduardo; BARROS, Sônia. **Enfrentando o racismo nos serviços de saúde**. Cadernos de Saúde Pública, nº 33. Suplemento 1. Rio de Janeiro, 2017.

BOSSLE, F.; NETO, V. M. **No olho do furacão: uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 31, n. 1, p.131-146, 2009.

BOTELHO, Guilherme Machado. **Quanto vale o show?: O fino Rap de Athalyba-Man**. São Paulo: Ed. do Autor, 2022.

BRILHANTE, Aline V. M.; MOREIRA, Claudio. **Formas, fôrmas e fragmentos: uma exploração performática e autoetnográfica das lacunas, quebras e rachaduras na produção de conhecimento acadêmico**. Interface (Botucatu), v. 20, p. 1099-1113, 2016.

CORSO, Raíssa Padial. **Do Tamanho do Coração da Formiga**. Sarau da Minas: São Paulo, 2017.

DAVIS, Angela. **O feminismo negro e as lutas por igualdade global**. In: Griôs da Diáspora Negra. Brasília. Griô Produções, 2017.

FAUSTINO, Carmen. **Mulheres líquido: os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra**. São Paulo: Capulanas Cia de Arte Negra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FROES, M.; PERES, M. **Akasha em Movimento: desenvolvimento neuropsicomotor infantil e sentidos corporais, curso do Paratodos/UFRJ**. Revista Metamorfose, Salvador, BA, vol. 4, nº 4, p.9-29, junho, 2020.

GAMA, Fabiane. **A autoetnografia como método criativo - experimentações com a esclerose múltipla**. Anuário Antropológico. v. 45. n. 2. UNB, 2020.

GOMES, AMT. **O terreiro de umbanda como espaço de cuidado: algumas reflexões**. Revista Baiana de Enfermagem. Edição 35, e45202, 2021.

GOULART, Sandra Lucia. **Contrastes e continuidade de uma tradição Amazônica: as religiões de Ayahuasca**. Tese de doutorado. Unicamp. Campinas: SP, 2004.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

JÚNIOR, Emílio Telesi. **Breve história das PICS na Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo - de 2001 a 2021**. Secretaria Municipal de Saúde - SP, 2021.

LORDE, Audre. **A Burst of Light**. Ithaca, Nova York: Firebrand Books, 1988.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Revista Artes & Ensaios. n.32. Dezembro. Rio de Janeiro, 2016.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Magia e religião na umbanda**. Revista USP. São Paulo (31) 76-89 setembro/ novembro, 1996

OLIVEIRA, Débora Priscila de Oliveira. **O encontro com a história de vida de uma mulher benzedeira**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba-SP, 2018.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzimento**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Fátima. **Saúde da população negra: Brasil ano 2001**. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2003

PLÁCIDO, Ricardo do Ó. **Territórios Negros: Cartografias e Etnicidades na Experiência do Rap Paulistano (1970-1990)**. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades), Universidade de São Paulo, 2019.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**; ilustrações Pedro Rafael. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena: Experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes**. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n. 79, nov. 2007.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. Revista Plural. São Paulo, v. 24.1, p. 214-241, 2017.

SCHÖRNADIE, Paulo Alfredo. **O Processo Educativo na Perspectiva Histórico-Cultural**.

Revista Contexto e Educação, ano 29, num. 93, p.4-21, 2014.

SILVA, LMF; Scorsolini-Comin F. **Na sala de espera do terreiro: uma investigação com adeptos da umbanda com queixas de adoecimento.** Saúde soc. 2020; 29(1):e190378.

SPOSITO, Marilia Pontes. **A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade.** Tempo Social; Rev. Sociologia USP, São Paulo, 161-178, 1993.

Submetido: 18/03/2024

Aprovado: 22/04/2024